

**VIDA EXAMINADA, VIDA A EXAMINAR: CONVITE AO COLÓQUIO**  
***EXAMINED LIFE, LIFE TO EXAMINE: AN INVITATION TO THE COLLOQUY***

Sergio Alcides<sup>1</sup>

**Resumo:** Colóquios são oportunos em momentos de crise, a fim de debater o que deve ser feito, como sugeriu Yorgos Seféris. A discussão sobre poética também enfrenta no Brasil contemporâneo o desafio de repensar seu lugar na sociedade. A “pressão da realidade” demanda a resistência da imaginação, segundo Wallace Stevens. Pode ser conveniente questionar as práticas acadêmicas arraigadas. A leitura de poesia talvez permita reabrir o contato com a esfera do público, que é o local adequado para combater o obscurantismo. O ideal socrático de “vida examinada” e a proposição de Matthew Arnold sobre a poesia como “crítica da vida” merecem reconsideração. Jorge de Sena buscou um modo não normativo de fazê-lo. A conversa sobre poética se põe ao lado da imaginação contra o desespero.

**Palavras-chave:** Poesia e contemporaneidade; Poesia e ética; Yorgos Seféris; Wallace Stevens; Jorge de Sena

**Abstract:** In moments of crisis, colloquies are timely for debating what shall be done, as George Seferis has suggested. The discussion of poetics is also facing in contemporary Brazil the challenge of rethinking its place in society. The “pressure of reality” requires the resistance of the imagination, according to Wallace Stevens. It may be opportune to question well-established academic practices. The reading of poetry may be a way of re-opening the contact with the sphere of the public, which is the right place for fighting obscurantism. The Socratic ideal of “life examined” and Matthew Arnold’s proposition of poetry as “criticism of life” deserve reconsideration. Jorge de Sena has searched for a non-normative way of doing so. The conversation about poetics takes sides with imagination against despair.

**Keywords:** Poetry and contemporaneity; Poetry and ethics; George Seferis; Wallace Stevens; Jorge de Sena

É impossível ignorar o horror, uma vez que o constatamos. Por exemplo, agora, com o Brasil que saiu das urnas como se saísse de um bueiro. Ainda assim, talvez não seja o caso de escrever já o poema. Citando Paulinho da Viola: “Ninguém compreenderia / um

---

<sup>1</sup> Professor Doutor da Faculdades de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: sergioalcides@ufmg.br

samba naquela hora”.<sup>2</sup> Na rua, diante do corpo “iluminado ao redor”, o poeta reconheceu um limite da poesia.

Colóquios são indicados. Seféris, quando a Grécia se achava em situação bem pior que a do Brasil, invadida pelos nazistas, durante a guerra, disse: “Tudo o que podemos fazer é conversar com nossos companheiros, conhecidos e desconhecidos, atentos à mensagem que nos trazem, assim como à dos nossos verdadeiros precursores intelectuais” (SEFÉRIS, 1943, p. 114-15).<sup>3</sup> Ele também disse: “Vamos cumprir nosso dever”. Sua recomendação foi para “limpar a consciência de fantasiosidades momentâneas” e mergulhar no tempo. “Tudo o que podemos fazer é (...) acreditar que a grande provação de hoje há de nos conduzir a uma grande ressurreição”, disse o poeta. “E vamos cuidar de merecê-la, quando ela surgir. Vamos cumprir nosso dever” (*idem*, p. 115).

Mas não é tão fácil acreditar em ressurreições. Nem mesmo quando se difunde a sensação de que algo imprescindível morreu e está diante de nós (talvez um pandeiro, que “ficou no chão”). E o dever não é claro. Daí a necessidade de colóquio. A própria palavra já soa quase repulsiva – “dever” – e estridente, como os xilofones de uma banda militar de cinquenta anos atrás.

O que fazer? A pergunta apela à imaginação, quando não existe um precedente bem catalogado. Aliás, há mais de duzentos anos sabemos que os precedentes, por definição, não existem. Pelo menos não como aplicabilidade. Alguém ainda acredita em história como “mestra da vida”?

No entanto, a imaginação sozinha não responde. Vamos conversar. É uma conversa crispada, hoje, mas é a nossa conversa de sempre, a nossa conversa infinita. Nela estamos todos vivos, nós e os nossos “verdadeiros precursores intelectuais”. Intelectuais e afetivos. Melhor seria dizer: os nossos precursores *existenciais*, aqueles que se misturam a nós por dentro, como se estivessem entre nós, face a face.

Vamos entrar nesse recinto da conversa, trajando “vestes curiais”, como fazia Maquiavel, depois de despir “a roupa do cotidiano, toda suja de barro e lama”, para se recolher ao seu escritório e penetrar “nas cortes antigas dos homens antigos” (MAQUIAVEL, 1513, p. 194-5). Tudo bem, podemos dispensar a toga. Imagino que o

---

<sup>2</sup> Paulinho da Viola, “Coisas do mundo, minha nega”, em *Paulinho da Viola*, LP, Emi-Odeon, 1968; uma gravação melhor se acha em *Memórias cantando*, LP, Emi-Odeon, 1976. Ver: NEGREIROS, 2011, p. 65-72.

<sup>3</sup> A Grécia esteve sob ocupação nazista desde meados de 1941 até 17 de outubro de 1944; durante esse período, o Governo legítimo foi para o exílio, primeiro em Creta, logo depois no Cairo e na África do Sul.

Nicolau também sujasse a poltrona com a calça usada antes na horta ou no barranco. Ele se referia à roupa mais interior, que veste uma disposição menos banal a dialogar.

Nosso dever talvez comece por “limpar a consciência de fantasiosidades momentâneas”. Mas, se estamos assim imersos no momento, ainda não distinguimos bem o que nos ilude e conturba. Podemos esperar que o colóquio favoreça a crítica, também para esse fim mais esquivo.

Examinar a poesia como examinamos a vida e a consciência – pode ser uma sugestão oportuna. Em momentos de crise, se não queremos parar na lamentação, é melhor contar com a crítica. Entre outros serviços, ela ajuda a “limpar” as fantasiosidades, afastar os artificialismos desnecessários, o que está sobrando, “malhando” a verdade possível ou apreensível, turvando o olhar que se esforça em busca de alguma nitidez.

Por exemplo, as frases de efeito que proliferam nos estudos literários, às vezes imantadas com o timbre de grandes *maîtres à penser*. Adorno saiu de moda, e há tempos ninguém se lembra de declarar que “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro” (ADORNO, 1949, p. 26). Mas permanece o mantra segundo o qual “não existe documento de cultura que não seja ao mesmo tempo um documento de barbárie” (BENJAMIN, 1940, p. 256). Sentenças como estas, por sua força ilocutória, são repetidas *ad nauseam*. Como se fossem autoexplicativas, aparecem descoladas de seus contextos originais, que às vezes já são bastante problemáticos. E viram senhas de distinção, como selo de aceitabilidade ou pertencimento.

Mas, quando a sociedade tira o coturno do armário e começa a marchar de fato no rumo da barbárie, com a mão no peito e em nome do Senhor Jesus, de que nos serve tanta sofisticação academicista? Quem vai dizer a Janaína, enquanto ela grita e sacode a cabeleira, que “hoje se tornou impossível escrever um poema?”

Alguém poderia formular alternativas de impacto semelhante, mais adaptáveis aos tempos: que escrever um poema depois de Witzel é um ato demente; ou que não há documento de barbárie que não tenha um preço pendurado em alguma loja de tranqueiras da cadeia Zema. O que seria menos tedioso, mas nem por isto mais sensato.

Escrever – ou ler – um poema, em circunstâncias extremas, torna-se um ato também político. Consta que Óssip Mandelstam compôs sem parar, nos seus últimos dias, no campo de trânsito onde morreu de frio e tifo, em 1938, a caminho de Vladivostok (DELGADO, 2014). Nadiejda Mandelstam conta que a partir de um certo momento o marido passara a

andar com sua edição de bolso da *Divina comédia*, para o caso de ser preso na rua e não em casa (MANDELSTAM, 1970, p. 230).

Diante dessas providências, desse apego existencial, como aceitar a proposição de Agamben, de que “na medida que demanda ser lida, a poesia deve permanecer ilegível” (AGAMBEN, 2015, p. 11)? Como, se para o poeta perseguido era tão crucial ter a *Divina comédia* no bolso, suja e amassada, lida e relida, e não sobre um altar, elevada a objeto religioso? “Falando mais propriamente, não existe leitor de poesia”, disse o pensador italiano (*idem*).<sup>4</sup> Talvez seja o caso, então, de falar *menos* propriamente.

Seja qual for o desenrolar dos acontecimentos no país, seria prudente esperar tempos duros. A viabilidade dos estudos literários está ameaçada também em outras partes do mundo. O problema se liga a uma variedade de fatores, entre os quais devem estar uma certa compressão da vida interior na sociedade de consumo, bem como a expansão global e agora algorítmica da indústria do entretenimento e da propaganda. É previsível que os efeitos sejam mais fortes onde há pouca comunicação entre a Universidade e a esfera do público – e este é o caso do Brasil.

Academias poderão sobreviver. Já os academicismos... Quem insistir na performance de citações de “autores” da moda pode acabar como Macunaíma, no final do filme, cercado de *gadgets* em plena selva: telefone, televisão, liquidificador e tudo, até uma guitarra elétrica. O calor é terrível – vingança de Vei a Sol. E o ventilador ali, muito oportuno. Falta só uma tomada.<sup>5</sup>

Uma boa fonte de energia é a leitura, o apreço pelo que está escrito e nos desafia. Esse mesmo texto é o que, na melhor das hipóteses, devolve o especialista ao conjunto do público, onde a relevância do seu saber passa pelo teste de uma verdade menos normativa. E onde ele se reencontra com o seu objeto no estado da vida, não do catálogo. A legibilidade aí pode não ser plena – mas que leitor de poesia se importa com a mística da plenitude quando tem diante de si um suculento poema?

A Queda educa. A perda ou a inacessibilidade de um estado de integralidade e permanência não nos condenam necessariamente nem ao artificialismo das preciosidades nem às *fake news* da miséria humana. Um poema bem conhecido de Marianne Moore nos ensina sem meias-palavras que a sofisticação “está como sem- / pre esteve – nos antípodas

---

<sup>4</sup> Ver também, do autor, “Sulla difficoltà di leggere” (AGAMBEN, 2012, p. 81-6), onde o mesmo culto da “ilegibilidade” se liga à origem da literatura “em relação íntima com a oralidade”.

<sup>5</sup> O filme é *Macunaíma*, de 1969, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade.

das inici- / ais grandes verdades” (MOORE, 1921, p. 136). A simplicidade edênica da “cor prismática” foi perdida, mas resta a tarefa de escapar da “sombria falácia” que reduz toda verdade a obscuras. A verdade, diz a poeta avessa a grandiloquências, “não é nenhum Apolo / do Belvedere”, por não ser formal como uma estátua. Sendo antes luz, pode submergir numa onda, mas tem firmeza para dizer: “Estarei lá quando a onda passar”.

Entre nós, a sensação é de estarmos bem embaixo da crista, na iminência de uma arrebatção.

Mas o nosso objeto é o poema, a nossa praia é a poesia.

O melhor poema que encontrei depois do desastre de 28 de outubro foi assinado por Benedita da Conceição. Apareceu nas redes sociais, que tinha sido estampado num jornal. O título era uma pergunta: “O que significam as cores da bandeira nacional?” E essa senhora de 69 anos, aposentada, respondeu: “O verde é esperança, né? O amarelo, sei lá, desespero. O azul eu não sei”.<sup>6</sup>

É claro, não era um poema. Tornou-se, na minha leitura – e na de muitas outras pessoas, que tiveram a mesma sensação. A intencionalidade não é apenas uma falácia. Ela também pode ser desnecessária. “The best words, in the best order”. Coleridge não falou em “melhores intenções” (*apud* RICHARDS, 1926, p. 3).

Os efeitos importam mais. Justamente através deles a poesia começa a romper limites – porque, existindo, implicam e ajudam a assegurar a existência de um público, uma abertura, uma cena aberta para o conflito humano, acima de todos os conluos, forçando contra qualquer obscuridade.

Havia uma necessidade geral de dizer essas palavras e de vê-las publicadas. Mas nem todos sabem dizê-las. E nem todos podem publicá-las. Nessa hora surgiu a declaração de Benedita da Conceição. Ela foi a nossa Sophia de Mello Breyner Andresen.

Além do “liame mosaico” de que falava o autor da *Divina Comédia* (DANTE, 1307, *Convívio* I, VII, 14, p. 83), existe o elo público. Às vezes a musa tem apenas o trabalho de vestir esse fantasma de ligaduras, que é um boneco expectante, cujo arame é feito de nervos misturados e gambiarras dissonantes. Ele abre a boca, e o “mulambo da língua” não diz nada que lhe dê vida. Seu desejo de poesia – de uma feitura, um feitiço, um fetiche – é

---

<sup>6</sup> A foto de um recorte de jornal não-identificado e sem data surgiu na página de Andréa Sirihal Werkema (professora do Instituto de Letras da Uerj), no Facebook, no dia 7 de novembro de 2018. A imagem tinha o “selo” de um blogue chamado “Humor do Interior”; consultando-o, verifica-se que a postagem original era mais antiga, de 8 de março de 2017: <http://www.humordointerior.com.br/2017/03/08/o-significado-das-cores-da-bandeira-brasil/> – acesso em novembro de 2018.

tão decisivo que praticamente contém um poema em potência. O poeta então pode ser só o “fazedor” que atua e preenche essa expectativa, para ranger as dobraduras e mover o contraleviatã da consciência coletiva. E depois disso talvez volte à sua encarnação ordinária, não-transfigurada, de uma aposentada de 69 anos.

A imaginação apelada está pronta, no ar. O colóquio pode animá-la melhor. Ela está comprimida, sob pressão.

Deve ser a “pressão da realidade” de que falava Wallace Stevens, que é “o fator determinante no caráter artístico de uma era”, e que às vezes se torna “grande e demorada o bastante para levar ao fim de uma era na história da imaginação” (STEVENS, 1942, p. 656).<sup>7</sup>

Ele se deu conta dessa “interdependência entre a imaginação e a realidade como iguais” (*idem*, p. 659) durante a guerra (também, como Seféris), em 1942. E disse, para esclarecer seu ponto de vista: “Estou pensando na vida num estado de violência”. O assunto era “o colapso do nosso sistema”, por força de acontecimentos que transformaram o “movimento ordinário da vida” em movimento de gente “nos intervalos de uma tempestade” (*ibid.*, p. 655 e 659).

O teste da nobreza aí, para ele, era a imaginação à prova, a demanda pela poesia em “circunstâncias agourentas e destrutivas” (STEVENS, 1936, p. 789). A partir de uma discussão irresolvível sobre a verdade:

“A verdade pela qual temos sido insanos há de nos levar a buscar além da verdade por algo em que a imaginação será o complemento dominante. Não é só que a imaginação adere à realidade, mas que também a realidade adere à imaginação, e que a interdependência é essencial. Podemos nos emergir da nossa *bassesse* e, se o pudermos, como isso aconteceria senão pela intervenção de alguma fortuna da mente? E o que aconteceria de ser tal fortuna da mente? Poderá ser só senso comum, mas mesmo isso, um senso comum além da verdade, já seria uma nobreza de longa linhagem” (STEVENS, 1942, p. 663).

---

<sup>7</sup> Em ensaio anterior, o poeta mencionava de modo análogo a “pressão do contemporâneo” (STEVENS, 1936, p. 788).

Stevens está considerando o papel da poesia. “É a imaginação pressionando de volta, contra a pressão da realidade” (*idem*, p. 665). Bendita concepção!

Trata-se da resistência da imaginação, com a qual ela reage à realidade opressiva. Não é nenhum “realismo” o que Stevens propõe. A matéria da poesia para esse alto modernista não é “uma coleção de objetos sólidos e estáticos dispostos na extensão do espaço”: é “a vida que é vivida na cena que ela compõe” (*ibid.*, p. 658).

Bom frasista, o Stevens. Antes da guerra, no tempo das premonições, ele já tinha dito: “A literatura é a melhor parte da vida, desde que baseada na própria vida” (STEVENS, 1936, p. 786).

Vamos esperar que a literatura *não* seja a melhor parte da vida. Mas podemos admitir que seja uma das mais chatas, sempre que se baseia em qualquer coisa que não esteja viva. Como a linguagem: viva. Porém irreduzível.

“Ninguém solta a mão de ninguém” – foi a frase que se espalhou assim que o risco de perda de direitos e liberdades se consolidou, com o resultado das eleições presidenciais. Esses momentos têm dessas coisas, um despertar para o semelhante, a constatação de que o maior amparo possível só pode ser coletivo. Um colóquio de aflitos em comum, que possam conversar e até divergir enquanto convergem cada um para o outro. É o apelo à imaginação que pressione de volta, com suas verdades, para atravessá-las, ir além delas. A serventia de um poeta nessas horas também está por aí. A função do poeta, para Stevens, é fazer da sua imaginação a dos outros. Ele só se sente recompensado quando sua imaginação se torna “a luz da mente dos outros”. “Seu papel, em suma, é ajudar os outros a viverem suas vidas” (STEVENS, 1942, p. 661).

Assim, fora de contexto, ou melhor, em outro contexto difícil, a citação pode levar a erro. Não se trata de altruísmo meramente. A questão não é de moralidades banais. Trata-se de refletir sobre fins últimos disso que já disseram que nem tem fim, que é “finalidade sem fim”, que não acaba de cumprir sua proposição sem propósito.

Jorge de Sena, por exemplo, uma vez apresentou seus poemas como “crítica da vida” em sentido lato. E disse: “Mas, no que respeita ao elemento moralístico, acrescentemos que toda poesia (...) é uma meditação moral” (SENA, 1963, p. 375-6).

Toda poesia? Lawrence Lipking (um crítico, não um poeta) observa que “ler a fio os ensaios dos fundadores da poesia moderna é ser instruído de cem maneiras diferentes de como a poesia escapa ao exercício de defini-la” (LIPKING, 2000, p. 446).

A favor de Sena, devemos dizer que passa longe dele o teor às vezes messiânico tão característico do alto modernismo (notável na ressurreição esperada por Seféris e no aspecto apocalíptico implícito no “anjo necessário” imaginado por Stevens). A “meditação moral” proposta por Sena é esse debruçar-se com a linguagem sobre a vida, os *mores* da vida, no que o cancelamento do juízo se torna uma premissa indispensável. Diz ele sobre essa moral da poesia: “Sem dúvida que o não é (ou não deve sê-lo) num sentido normativo; mas indubitavelmente o é num sentido *escatológico*, de inquirição aflita sobre as origens e os fins últimos do Homem” (SENA, 1963, p 376).

Uma “inquirição aflita” sobre o humano. Nisto estamos. Vamos conversar.

Sena se referia antes a um poeta-crítico da Era Vitoriana (por falar em moralidade): Matthew Arnold. Para quem “a poesia é no fundo uma crítica da vida” – e para quem “a grandeza de um poeta repousa na aplicação bela e poderosa de suas ideias à vida – à questão: como viver?” (ARNOLD, 1879, p. 46).

Em princípio, a grandeza de um poeta não repousa. Mas não deixa de seduzir a ideia de uma “crítica da vida” como possibilidade da poesia em contexto de desamparo. Foi uma proposta controversa. Eliot, por exemplo, reagiu, ferino. “No fundo: trata-se de um longo caminho abaixo. O fundo do abismo é o que bem poucos vão ver, e o que estes não aguentam olhar por muito tempo, e isso não é ‘crítica da vida’. (...) Trazemos daí muito pouco, na volta, e o que trazemos não é crítica” (ELIOT, 1933, p. 111).

Pode ser. Porém talvez seja bom que alguns se disponham a essa descida, se através destes nós todos pudermos também subir um pouco acima da nossa baixeza comum, ou do baixo astral em que às vezes caímos, com a pressão dos acontecimentos. Não deixa de ser engraçado que, da pomposa sentença de Arnold, a parte mais relevante hoje não seja a da “crítica” e sim a do “fundo”. Bem como a da vida.

Vamos remexer aí, nesse fundo da vida que nem sempre aguentamos olhar por muito tempo. Isso talvez seja uma crítica sim, se afastarmos com Sena o tom de moralismo que impregnava a proposição original, oitocentista.

Saltemos com Sena o XIX, então, por mais que alguns de nós ainda amem as expectativas do “Grande Século”. Vamos ouvir o que o poeta da *Arte de música* escreveu sobre Mozart: “havia neste homem uma vida oculta / da sua própria vida, das próprias formas a que fingia escravizar-se / alegremente, da mesma graça leve e melancólica que era o mais / que, em música, a imaginação e a sociedade permitiam / como consciência crítica da vida” (SENA, 1965, p. 402).

Essa “vida oculta” ... Em Mozart, o fundo é aéreo. E “consciência crítica da vida” já parece um latim mais seguro do que apenas “crítica da vida”.

O grande Sena, poeta-crítico, era além de tudo historiador. E engenheiro. Mais modernista, impossível, não fosse ele também uma voz periférica, ibérica, lusófona, com toda a sua capacidade de ir a Creta conversar com o Minotauro.

Vamos convidar o Minotauro para o nosso colóquio, vamos cumprir o nosso dever, vamos tentar descer um pouco também. Vejamos quem remexe a vida lá no fundo, para trazer de volta algo difícil de tragar, que no entanto nos eleva. Cada um toma uma parte, uma gota desse gole de cicuta que nos cabe coletivamente. Venha cá, Sócrates: “A vida não-examinada não vale a pena para o ser humano” (Platão, *Apologia* 38a; 2005, p. 132-3).

Será que não vale mesmo? A vida é boa e se impõe sozinha, com sua própria sabedoria, no diálogo das células – este sim, ilegível para as nossas consciências letradas. Examinar a vida não necessariamente soluciona a questão de Arnold – de “como viver”. Mas, se Stevens tiver razão, ajuda, e por isso vale a pena. E, como este colóquio trata de poética, pode-se sugerir que o exame da poesia também é um modo de viver melhor, aderindo à resistência da imaginação contra a “pressão da realidade”.

Sendo ou não “vida examinada” (porque ela pode ser o que quiser), a poesia é sempre “vida a examinar”. Então vamos cumprir nosso dever: questioná-la de vários lados, roê-la um pouco, saboreá-la, cuspir o bagaço, morder o caldo, toda essa escatologia, meter o olho no fundo, trazer à tona o poema, vestir o fantasma dos nossos espantos.

É este o nosso colóquio sem fim, aflito ou não, vivo sempre, entre os vivos e seus verdadeiros precursores, que vivem também enquanto conversam conosco. Vamos descobrir que a vida examinada já não é a mesma – já é outra vida, que vivemos de outra forma. No fundo, acha-se um céu, o dever-ser de um horizonte, uma esperança ou um desespero que ampare e dê força.

Rio de Janeiro e Belo Horizonte,  
outubro e novembro de 2018.

## **Referências**

- Adorno, Theodor W. [1949]. “Crítica cultural e sociedade”. In: T. W. Adorno. *Prismas. Crítica cultural e sociedade*. Trad. de A. Wernett & J. M. B de Almeida. São Paulo: Ática, 1998, p. 7-26.
- Agamben, Giorgio [2012]. “Sulla difficoltà di leggere”, in: G. Agamben. *Il fuoco e il racconto*. Milão: nottetempo, 2014, p. 81-6.
- [2015]. “To Whom is Poetry Addressed?” *New Observations* 130, Trad. de D. Heller-Roazen, p. 11.
- Arnold, Matthew [1879]. “Wordsworth”. In: M. Arnold. *The Complete Prose Works of...* Edição preparada por Robert Henry Super. Ann Arbor MI: University of Michigan Press, 1973, vol. 9, p. 36-55.
- Benjamin, Walter [1940]. “Theses on the Philosophy of History”. In: W. Benjamin. *Illuminations. Essays and Reflections*. Edição preparada por Hannah Arendt. Trad. de Henry Zohn. Nova York: Harcourt, 1968, p. 253-64.
- Dante Alighieri [1307]. “Convivio”. In: Dante. *Opere minori*. Edição preparada por Fredi Chiappelli & Enrico Fenzi. Turim: UTET, 1997, p. 9-322.
- Delgado, Yolanda [2014]. “The Final Days of Russian Writers: Osip Mandelstam”. *Russia Beyond*, 18 de julho de 2014:  
[https://www.rbth.com/arts/2014/07/18/the\\_final\\_days\\_of\\_russian\\_writers\\_osip\\_mandelstam\\_36779](https://www.rbth.com/arts/2014/07/18/the_final_days_of_russian_writers_osip_mandelstam_36779) – acesso em novembro de 2018.
- Eliot, T. S. [1933]. “Matthew Arnold”. In: T. S. Eliot. *The Use of Poetry and the Use of Criticism. Studies in the Relation of Criticism to Poetry in England*. Londres: Faber and Faber, p. 103-19.
- Lipking, Lawrence [2000]. “Poet-Critics”. In: A. W. Litz, L. Menand & L Rainey (orgs.). *The Cambridge History of Literary Criticism*, vol. 7: *Modernism and the New Criticism*. Cambridge: Cambridge UP, p. 439-67.
- Mandelstam, Nadiejda [1970]. *Hope Against Hope. A Memoir*. Trad. de M. Hayward. Nova York: Random House, 1999.
- Maquiavel, Nicolau [1513]. “Niccolò Machiavelli a Francesco Vettori. Firenze, 10 dicembre 1513”. In: N. Maquiavel. *Lettere a Francesco Vettori e a Francesco Guicciardini (1513-1527)*. Edição preparada por Giorgio Inglese. Milão: Rizzoli, 1989, p. 192-6.

**InterteXto / ISSN: 1981-0601**  
**DOSSIÊ TEMÁTICO: OS LIMITES DA POESIA**  
**v. 11, n. 02 (2018)**

Moore, Marianne [1921]. "In the Days of Prismatic Color". *In: M. Moore. The Poems of...* Edição preparada por Grace Schulman. Nova York: Viking, 2003, p. 136.

Negreiros, Eliete Eça [2011]. *Ensaçando a canção: Paulinho da Viola e outros escritos*. São Paulo: Ateliê.

Platão [1914]. *Euthyphro, Apology, Crito, Phaedo, Phaedrus*. Edição preparada e trad. por Harold North Fowler. Cambridge MA: Harvard UP (Loeb Classical Library), 2005.

Richards, I. A. [1926]. *Principles of Literary Criticism*. Londres: Routledge, 2001.

Seféris, Yorgos [1943]. "Un Grec, Macriyannis". *In: Y. Seféris. Essais. Hellénisme et création*. Trad. de D. Kohler. Paris: Mercure de France, 1987, p. 88-115.

Sena [1965]. "Fantasias de Mozart, para tecla". *In: J. de Sena. Poesia 1*. Edição preparada por Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa: Guimarães, 2013, p. 402.

----- [1963]. "Posfácio" a "Metamorfoses". *In: Poesia 1*. Edição preparada por Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa: Guimarães, 2013, p. 368-81.

Stevens, Wallace [1936]. "The Irrational Element in Poetry". *In: W. Stevens. Collected Poetry & Prose*. Edição preparada por Frank Kermode & Joan Richardson. Washington DC: The Library of America, 1997, p. 781-92.

----- [1942]. "The Noble Rider and the Sound of Words". *In: W. Stevens, 1997*, p. 643-65.

Recebido em: 10 novembro de 2018

Aceito em: 27 dezembro de 2018